SIGN
IFIC
ÂNCI
A

Capa - Sandrinha Alberti
Ilustração - Renata Felinto (capa) e Leandro Batista
Projeto gráfico - Celinha Reis/Dinha/Sandrinha Alberti
Revisão - Sonia Bischain
Concepção Editorial: Celinha Reis, Dinha, Driely Gomes, Fabi Luz, Glaucia Dantas, Fernanda Stephanie, Aline Oliveira,
Michelle Raíz, Adriana Santos e Sandrinha Alberti
Leitura Crítica: Carmen Faustino, Michel Yakini-Imã, Dinha (Maria Nilda Mota de Carvalho), Douglas Alves, Raquel Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Reis das Silva, Celia Regina (Celinha Reis). Significâncias - São Paulo: Edições Me Parió Revolução
ISBN 978-65-992280-5-6

Índice para catálogo sistemático
1. Poesia 2. Literatura Brasileira 3. Literatura Periférica 4. Literatura Negra 5. Literatura Feminina
132 p.
1ª Edição: SP, MAIO, 2022

Edições Me Parió Revolução
Rua Memorial de Aires, 539 - Jardim São Savério - São Paulo - SP

Contatos:
mepario.editorial@gmail.com
celregreis@yahoo.com.br

Todos os direitos não são reservados. Liberada a reprodução ou transmissão parcial ou total deste livro, através de quaisquer meios, lembre sempre de citar a fonte.

SIGNIFICÂNCIA

Celinha Reis

EDIÇÕES ME PARIÓ REVOLUÇÃO

1ª Edição
São Paulo
2022

À Tula Pilar

SUMÁRIO

Prefácio 11
19.....SER
Significância 20
Tão Ser 21
Sou vento 22
Placas tectônicas 23
Mulher Sertão 24
Solo 25
Gira 26
Verânica 28
Corpo Território 29
Da Janela 30
Aniversário 31
Florescer 33
34.....ALDEIA
Cleusa 35
Filha 37
Alvina 38
Rainha Cleusa 40
Memória 41
Tauana 42
Lembranças 43
Olhos cerrados 44
Rebento 45
46.....BREVIDADES
Perspectiva 47
Temperança 48

Devir 49
Transmutar 50
Negra diáspora 51
Amanhecer 52
Silêncio 53
Efêmero 54
Fim 55
Renda 56
Plenitude 57
Cabo da boa esperança 58
59.....NO MUNDO
Respirar 60
Esperançar em Solano Trindade 63
Marchamos 65
Ângelos 70
Eduardo sem Mônica 71
Mães de Maio 72
Infanticídio 73
Vulneráveis 74
1º de Maio 75
Bodeação 77
Balanço 78
Depressão 79
Feminista 80
Desilusão 81
Passado 82
Racismo 83
84.....ALENTO
Flor 85

Tula Ferreira 86
Minguante 87
Finda tarde 88
Sentimentos 89
Abrigo 90
Xequerê 91
Flerte 92
Arquitetura 93
Natureza 94
Me Parió 95
Elos que se querem 96
Enquanto a lua míngua 101
Enternecer 103
Talento 104
Luz de vela 105
Prece 106
Red Orange 107
Vênus 108
Banho 109
Espera 110
Ausência 111
Toque 112
113.....SAGRADO
Bom dia 114
Oxum 115
Odoyá 116
Cantos uivantes (OYA) 117
Nascer 118

Prefácio

Um salve à nossa ancestralidade!
Um salve às nossas mais velhas!
Um salve às forças que nos irmanam!
Licença para chegar!

Se faz valoroso evocar poderosas saudações ancestrais, logo ao início das palavras que por mim aqui dedicadas, anunciam Significância, obra da querida Celinha Reis, uma poeta em movimento, atuante em muitas frentes e uma parceira de sonhos, lutas e andanças coletivas, que peregrinam nas periferias de São Paulo nos passos da arte e cultura, da educação, da pesquisa e dos círculos de trocas e saberes femininos. Os territórios periféricos transbordam em força criadora e criativa e daqui da nossa centralidade, exercemos o direito ao bem viver pleno, à escrita e ao registro emancipatório das nossas narrativas, somos a continuidade de uma caminhada que vem de longe e não se encerra por aqui. Marchamos!

Celinha Reis é uma mulher consciente e compromissada com esse poder e seu primeiro livro autoral nasce para celebrar e reafirmar sua existência poética e sua caminhada literária, que despertou em meados de 2010, no bairro de Pirituba - zona oeste, quando conheceu o Sarau Elo da Corrente e sentiu que ali no Bar do Santista, sua identidade e essência poética eram naturalmente pertencentes. No poema Elos que eles querem! ela declara e manifesta esse valor: Eu? Elo perdido / Encontro os que me acolhem / Lutam/ Resistem/ Amam/ Declamam, como eu/ Nesses, me identifico/ Me reconheço, me refaço.

O meu salve ao povo querido do Sarau Elo da Corrente! Quantos significados existem na imensidão de ser uma mulher diaspórica, afroindígena, cíclica e cidadã do mundo, na busca por respostas genuínas sobre sua vida?! No tempo das incertezas, os poemas reunidos de Celinha Reis chegam para nos oferecer boas doses de saberes,

elucidações e auto amor. É a poesia fazendo algo acontecer entre nós, como nos ensinou Audre Lorde em seu ensaio A poesia não é um luxo!. Comungar a palavra se faz necessário na vida das mulheres parideiras desse mundo e a escrita é um lugar poderoso para a construção dos novos imaginários que desejamos deixar para nossas meninas e meninos. Para mim é sempre um acontecimento quando mulheres publicam seus poemas e escritos, eu celebro cada palavra e toda a poesia que me encontra nas encruzilhadas que a literatura negra, indigena e periférica me levam.

Ao me debruçar nos poemas de Significância, um espelho olhou para mim e afirmou: isso também é sobre você! Poemas que conectam, provocam e confortam todo sentimento aflorado nas mulheres que se movimentam na busca por significados e respostas que sustentem suas autodefinições mais genuínas e que façam sentido em suas vidas. Uma leitura intensa, oscilante e cíclica, dividida em fases assim como somos, um espiral de emoções e memórias que apropriadas pelas palavras

de Celinha reviram e rememoram o afeto, a ancestralidade, o sagrado, os encontros e as vivências de amor e ódio, de luto e luta. Sim, ainda temos muitas demandas e esforços pela estrada, mas aprendemos a dosar as energias e cuidar com carinho e gozo das nossas águas, para que a doçura e o prazer também se revele na literatura que produzimos. A poesia de Celinha nomeia os ciclos, as fases e as aspirações desse novo tempo de equilíbrio.

Na abertura deste livro-ciclo, o poema Significância escrito em primeira pessoa enaltece e reafirma as múltiplas definições da autora em seu trânsito pelo mundo, em um exercício lirico-afetivo de reconhecimento dos seus feitos, celebração da sua ciclicidade feminina e da plena capacidade de conduzir com cuidado e consciência sua trajetória pessoal. O poema finaliza mirando o afeto, enquanto ação escolhida para ser o farol e o caminho em sua jornada de imersão e co-criação da sua verdade de mulher: Relutante/ Buscando ser/ Significante mulher.

E ao longo das suas fases Ser, Aldeia, Brevidades, No mundo, Dor, Alento, íntima e Sagrado os versos de Celinha vão ganhando formas diversas e a poesia acontece naturalmente, livre de imposições e amarras normativas. Sua escrita tem o poder acolhedor de trazer significados profundos sobre si e seus ciclos na natureza, se conectando com mulheres diversas e conectando o leitor com todas elas. Em solo fértil e frutífero, ou em terra seca e árida, a poesia é a nutrição que alimenta e enfeita suas memórias ancestrais e as inúmeras conexões femininas que suas andanças pelo mundo trouxeram. É a ciclicidade de quem sabe que não anda só.

Sempre em alerta, Celinha convoca sua ciranda de mulheres sábias para um exercício de observação do tempo e das ações nefastas de homens engravatados que fazem do poder um lugar de morte e opressão constante para nós. O horror nas periferias pretas, nas comunidades indígenas e a banalização das nossas corpas, não nos permite viver

apenas de gozo e celebração. No Mundo e Dor são os ciclos onde a poeta nos lembra que mulheres ainda lidam com dores profundas, que não podemos perder a lucidez, nem cair nas armadilhas da mercantilização da ancestralidade e de um sagrado feminino sem empatia, nem consciência de classe.

A intenção de sua poesia nos provoca a ampliar os olhares para nós e para as muitas que somos. Significância vai se acomodando aos olhos de quem lê e nomeando cada um dos muitos significados que buscamos e compartilhamos em nossa travessia diaspórica que é individual, mas também é coletiva e diversa. Nos poemas selecionados aqui, Celinha nos oferece sua valorosa contribuição para nosso acervo literário e para mais essa linda colcha de retalhos que vem sendo costurada por linhas e tramas muito bem reforçadas pela ancestralidade e pela ciclicidade feminina preta e indigena, presentes também em nossa literatura.

Agradeço o presente, poeta!

Carmen Faustino
Poeta, escritora pesquisadora
março/2022

SER

SER

SER

Significância

O amor comeu minha identidade
Perdi meu significante
Tornei-me significados
Filha
Mãe
Irmã
Amiga
Professora
Ativista
Negra
Amada
Amante
Relutante
Buscando ser
Significante Mulher

Tão Ser

Me embrenho
Neste sertão que sou
Torrão
Semiárida
Semiúmida
Vegetação retorcida
Rios perenes
Mandacaru
Espinhos por fora
Água por dentro
Alimento na seca
Flor fora do tempo
Beleza de paisagem inóspita
Ar raro efeito
Parado
Turva a vista
Altera os sentidos
Calor intenso
Morada do sol
Vida que brota
No insólito ser

Sou vento

Movimenta
Vira
Revira
Rodopia
Temporal
Tempo bom
Tempo ruim
Tempos múltiplos
Temporada
Ventania
Sem cata-vento
Gira

Placas tectônicas

Oceano Pacífico
Deslocamentos tectônicos
Marés
Tsunamis
Eu pacífica
Abalos internos
Magmas tencionam
Sou pedra porosa
Vulcão em erupção
Buscando caminhos
Revolução

Mulher sertão

Tinha boca, mas não tinha pra quem
[falar
Tinha asas, mas não sabia pra onde voar
Se tinha pés? Não vi caminhar
O coração murchou, secou
Uma vida assim, uma morte é
Nem o espelho refletia sua imagem
Seu olhar petrificado
Seco por não ter visão
Possuía um cajado
Que a sustentava
Uma seta sem direção
Partida na inflexão
De sentimentos profundos
Como raízes secas
De tão finas, ralas
Sem sustentação
Parece morta
Revela-se em cores
Sopro de vida
Aguardando a possibilidade
De revigorar-se
Quando a chuva
Esse solo regar

Solo

Sinto muito
Às vezes pouco
Certos momentos, nada
Não sentir também é sentimento
No avesso me refugio
Me refaço do tropeço
Lua Nova
Momento meu
Soltar
Desapego
Deixar ir
Reencontro minh'alma
Lutas internas
Nada a dizer
Senão a mim mesma
Silêncio
Quietude
Ouço minhas ancestrais
Me nutrem
Nesse resguardo
Nesse renascer
Me amparam

Gira

Carrego a ginga das que tocam
Tambores
Agogôs
Xequerês
Maracás
Das que proferem
Palavras sagradas
Marcas da escravidão
Negras memórias
Afro-indígenas
Meu corpo expõe
Meu útero guarda
Corpo templo
Sexo sacralizado
Princípios íntegros
Nutrindo
Beleza ancestral
Canto
Danço
Bato palma
Alimento divindades que me habitam
Compartilhando saberes
Sustento minha casa

Alimento os meus
Na gira
Na marcha
No cortejo
Encontro força
Para ser quem sou

Verânica

Desidentifico-me
Dispo-me de quem não sou
Nua
Sou quem sou
Faísca da grande estrela
Oceano em movimento
Lua transitória
Cíclica
Bebo pelos poros
O calor me nutre
Acende desejos
Vento pensamentos
Bolhas de sabão
Palavras sementes
Frutos pari
Elemental sou
Simbiose
Vida compartilhada
Folha da grande árvore
Bailado de copas
No alto
Do meu ser

Corpo território

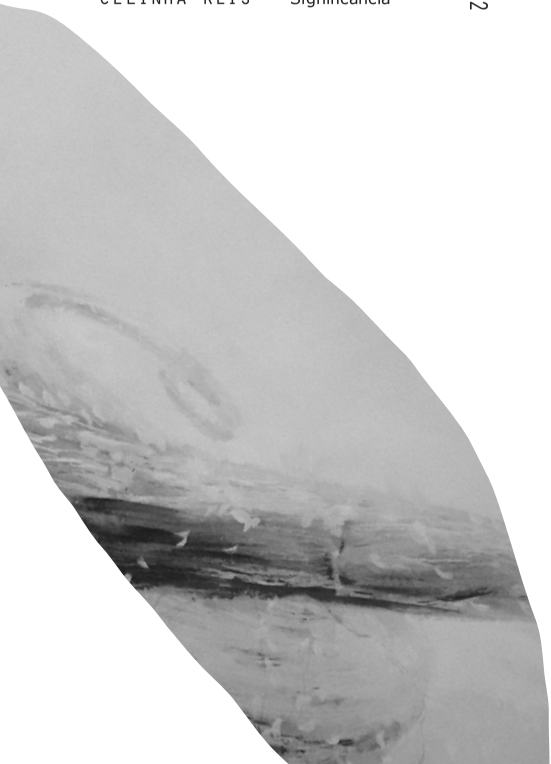
Nascer
Possuir um corpo
Morada da liberdade
Território sagrado
Divindades me habitam
Elas dançam
Meu corpo enrijecido
Elas se manifestam
Me pedem pra dançar
Nasci num corpo dançante
A dureza da vida me enrijeceu
Liberdade reprimida
Meu espírito dançante
Só entende essa linguagem
Manifestação da vida
Liberdade insubmissa

Da janela

Se arvorou ser o amor da vida dela
Não suportou que tivesse sonhos pró-
[prios
Eu tu eles, um clássico ignorado
Trilha sonora para corpos enamorados
Forró sapateado
Onde o patriarcado não vinga
Se esvai feito água entre os dedos
Sua pouca leitura não segura o rojão
Partiu do lugar que nunca lhe coube
Um amor de porta aberta
Sem talento não fica
Umbigo no sertão enterrado
Errância que forja o gingado
Não sabendo ler e escrever
Limpa peixes, alimenta as crias
Uns goles de cachaça pra esquentar do
[frio
Chora as mágoas, ri dos infortúnios
Canta ladainhas
Doce feito rapadura
Nos olhos paira o cansaço
E a fome de viver o inesperado

Aniversário

Acordo criança
Em festa
Vejo o dia brilhar
O tempo é movimento
Eu só querendo dançar
Sob palmas e cantos
Com os meus cirandar
Paro no centro da roda
Convidada a declamar
Breve dia
Vida longa
Eu só querendo dançar



FLORESCER

Fazer-se mulher
Negra
Periférica
Entendimentos de ledos enganos
Diálogos internos e externos
Questionamentos
Indignações
Ser
Afro-indígena-diaspórica
Muitas facetas
Fases lunares
Morrendo e nascendo
Semente fecunda na terra
Broto que vingou
Árvore crescendo
No soprar do vento
Dou frutos
Sigo
Florindo com iguais
Tão diversas de mim
Universas comigo
Delimitando territórios outros
Renascendo infinitamente
No revés
Do avesso

ALDEIA

Cleusa

A escuridão da noite
Expande o cosmo
O sonho cria a realidade
Corpo
Portal
Vida
Terra fértil
Abriga semente
Sustância
Leite materno
Protege
Educa
Árvore frondosa
Raízes profundas
Sorriso sereno
Luz de muitos
Na contradição
Represa dores
Pus
Coração ferido
Transmutou-se
Brotou mudas
Jardim florido

Borboleta guardiã
Beija-flor que me visita
Afago de toda manhã

FILHA

Você foi pequena
Cresceu
Seu coração criança
Quer andar
Correr com seus pés
Jeito próprio de caminhar
Queria banhar-te
Arrumar-te
Nunca permitiu
Permita-me abraçar-te
Aconchegar-te
És minha menina
É mulher no mundo
Podes ser menina mulher

Alvina

Partiu
Alvina partiu
Minha avó
Não me viu crescer
Não a vi envelhecer
A conheço pelos relatos de meu pai
Partiu
Alvina partiu
Guerreira
Pariu nove filhos, criou todos
Lutou pela vida todos os dias
Lutou contra a fome
A doença
As agonias da vida
Partiu
Alvina partiu
Repetidas vezes ouvi meu pai contar
Teve tétano aos sete anos
O médico desenganou
De mil, só escapa um
Paralisado
Tempo da troca dos dentes
Alvina não desistiu

Insistia dando-lhe leite pelo es-
    [paço dos dentes que faltavam
O filho de Alvina escapou, sobreviveu
Se de mil escapa um, esse um é fi-
lho de Alvina
Mulher incansável
Em tempo de fartura
Chamava os filhos para plantar melancia
Questionada
Dizia
Quando a comida faltar
A melancia vai matar sua fome
Alvina partiu!
Deixa os seus
Povoando o mundo
Lutando pela vida
Alvina partiu!
Encantada
Protege
Abençoa os seus
Sua bênção, vó!

Rainha Cleusa

Saudades de ti
Companheira de prosa
Da comida gostosa
Cheiro de coentro e pimentão
Saudade do cafuné
Do teu sorriso tímido
De doce mulher
Nossas trocas
Lidas da vida
Segurar rojão
Seu dito
Filho
Se cria pro mundo

Memória

Picando coentro
O cheiro exala
Fazendo-te presente
Desde ontem
A disposição da louça na pia
Gestos de memória
Feitos de um povo
Se reconhecem
Nos modos de ser
Em suas formas de
Amar

TAUANA

Os doces
As bonecas
Blusa e short
Chinelo
Sorriso aberto
Sol do dia
Lua das noites
Estrela guia
No meu viver

Lembranças

Que saudades do quintal
Eu estendendo roupas no varal
Minha mãe sentada à sombra em sua cadeira costumeira
A cada peça estendida a conversa fluía
Tau e seus brinquedos
Fogão, panelinhas, bolo de barro fazia
Paulo na rua, brincando, aparecia pro almoço
Minha vó dizia: óia quem taí, adivinhô que a comida tá pronta é?
Logo, logo, alertava: óia a roupa gente, vai chuvê
Lá estávamos novamente
Recolhendo as roupas, os brinquedos, as conversas
Alimentando as lembranças
Desse quilombo em meio às jabuticabeiras
Nos formamos, vivemos, descendemos

Olhos cerrados

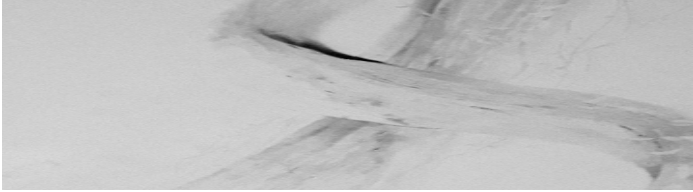
Enxergar sem os olhos dos que se foram
Momentos que não podemos mais acessar
Nossa tenra idade
Não nos permite lembrar
Pude sentir o amor de minha mãe
Meu pai me chamou a atenção
O jeito amoroso de minha irmã com seu
[filho
Lembra-me sua mãe com você
Eu sempre me senti meio órfã
Dividi-la com os outros
Diluía-se
Não sobrava mãe para mim
Em silêncio contemplei
Momento que não era meu
Revelava muito de mim

REBENTO

Tão pequeno
Ocupando tanto espaço
A vida mais viva
Meus sentidos aguçados
Pari um filho
Nasceu uma mãe

BRE
VID
ADE
S

BREVIDADES

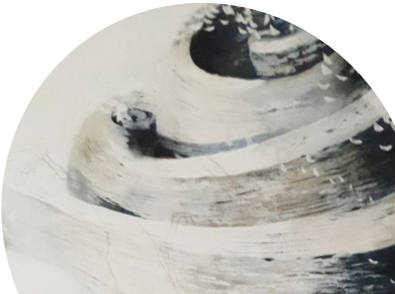


Perspectiva

Viver
Não cabe
Em uma linha
Reta

Temperança

Esperei
Desesperei-me
Na desesperança
Esperancei-me
Na esperança
De esperançar



Devir

É tempo de prosa cafeinada
Adoçada na medida da saudade
Partilhar histórias não vividas
Cheias de querer viver
No tempo da brincadeira
Palavras sentidas
Tocam a alma incrédula
Haverá contratempo
Para o benquerer

Transmutar

Gestar-se
Cotidianamente
Fecunda
Concebe a vida
Brotar
Flores ser
Criando perspectivas
Mundos possíveis
Liberdade
Renascer

Negra diáspora

A travessia é longa
Salga a pele tostada
Salmoura para aplacar fendas aber-
[tas no corpo
Lágrimas lavam a alma ferida
Habito fronteiras além-mar

AMANHECER

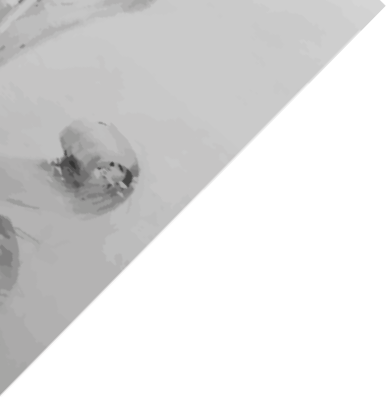
Uma reza tão bonita
Encontro de infinitos
Mundo da lua
Som ao redor
Aura solar

Silêncio

Fica o não dito por dito
Não dizer
Diz muito

EFÊMERO

Amor líquido evapora
hidrate-se



FIM

Linhas imaginárias
Meridianos paralelos
Não conversam

RENDA

Um ponto

Enlace

Entremeada

Muitas mãos

Bordado cósmico

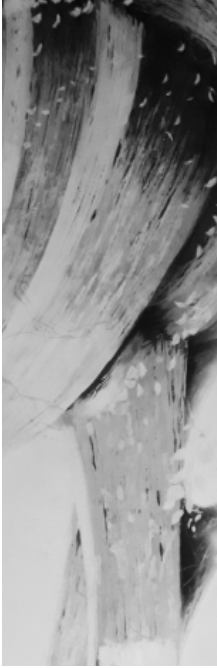
Plenitude

Luz da lua
No prateado dos meus cabelos

Cabo da Boa Esperanca

O papo é reto
Horizonte faz curva

NO MUNDO



NO MUNDO

Respirar

Mundo Negro
Indígena
Africano
Diaspórico
Rural
Urbano
Pretos
Dispersos
Pelo tráfico
Povo originário
Atacado
Aldeias em chamas
Crianças roubadas
Catequizadas
Doenças sem cura
Expulsos da própria terra
A palavra sem valor
Registro contábil
Busca ouro
Mercantiliza humanos
Escravidão
Bandeiras de caça
Gente laçada

Feito bicho
A palavra rendida
Mundo letrado
Leis
Escrituras
Controla
A terra
As pessoas
Os objetos
Pilhagem
Ciência dogmática
Violência do cais ao sertão
Escola
Disciplina corpos
Coloniza mentes
Campo vazio
Polis transbordando
Barracos empilhados
A cidade é dos ricos
A favela dos pobres
Violência policial
Ordem neoliberal
Aboliu a escravidão
A liberdade
Não veio

Sem terra
Sem trabalho
Sem teto
Apertados
Sufocados
Improvisos urbanos

Esperançar em Solano Trindade

“Eu ia fazer um poema para você”
Mas, me falaram que a polícia do
Rio de Janeiro matou uma criança
negra, de apenas 14 anos, de nome
João Pedro, no dia de ontem
“E o poema não saiu”
“Ia falar do seu corpo, de suas
mãos”
Mas, me falaram da crueldade do
racismo sofrida por Beth Beli,
presidente e regente do meu
querido Ilú Obá de Min. Foi na
padaria Palmeiras, próxima ao
metrô Marechal Deodoro, em São
Paulo, ontem também
“e o poema não saiu”
“Ia falar em canções
no belo da natureza”
Mas, lembrei-me que escarraram
no cabelo crespo de uma jovem
negra, cuspiram na face de outra
jovem negra, minha amiga; e que
já me puxaram os cabelos e me

jogaram no chão, na rua Augusta em São Paulo
também por racismo
“e o poema não saiu”
“perdão amada
por não ter construído o seu poema
amanhã esse poema sairá
esperemos”

Marchamos

Há tempos, marchamos!
Nossa marcha vem de longe
Motivos ancestrais
Recentes
Futuros
Somos Mulheres negras em marcha
Cotidianamente marchamos
Sonhando a vida
Temos gana de viver
Cotidianamente
O racismo
O patriarcado
O capitalismo
Nos colocam
Em guerra
Sobrevivência
A vida sempre adiada
Para cuidar dos nossos
Construir a vida dos outros
Não desabar o próprio mundo
Desejo de florescer
Não é bom marchar
Marchar é necessário

Bom seria festejar
O Bem Viver, por exemplo
Enfim...
Estamos em Marcha
Marchamos
Por Mal Viver
Em Marcha
Gritar, soltar a voz
Expurgar nossas dores silenciadas
Pela escravidão
...
Pela opressão
...
Pela violência de gênero
...
Pela violência obstétrica
...
Pela violência materna
...
Pela violência epistemológica
...
Pela violência sexual
...
Pelo feminicídio
...

Chorei assistindo
Engravidei, pari cavalos e aprendi
a voar sem asas
Assistindo Sangoma
Ouvindo minha avó contar
Que não era letrada para não es-
crever carta para namorado
Minha mãe não estudou para cuidar
de sua mãe doente
Mesmo sendo criança
Choro as lágrimas de minha avó
De minha mãe
As minhas
De minha filha
De minhas irmãs
Negras como eu
Marchar é necessário
Junto-me as minhas iguais
Em marcha
Somos Mulheres Negras
Afrolatinas
Caribenhas
Indígenas
Vindas dos mesmos destinos
Sina de mulher negra

Sofrer
Chorar
Morrer
Dos miomas
Nós
Relações que nos fazem sangrar
Morremos
Feito Tula Pilar
O sorriso resiliente não a salvou
Morremos
Feito Marielle Franco
Que se fez grito contra o extermí-
nio da juventude negra
Morremos
Feito muitas mulheres negras anô-
nimas
Números
Estatísticas
Estamos em Marcha
Marchamos
Queremos viver
Nascemos com direito inato à vida
Marchamos pelo nosso poder
Marchamos pelo Bem Viver
Marchamos

Para nos unirmos
Para nos amarmos
Para sermos corpos transbordando
Liberdade!

ÂNGELOS

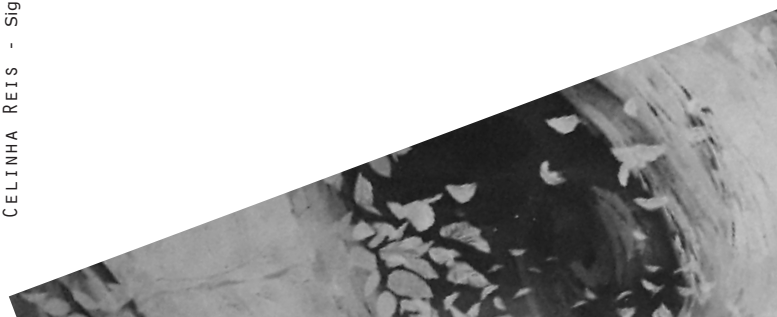
Vou recitar aos ângelos
De pele preta
Cabelos crespos
Fofos como algodão
Algodão em sua textura
Nem tudo que é fofo é branco
Há branco casca dura
Pode dizer que não
Mas...
Vou recitar aos ângelos
Pele preta, cabelos crespos
Como algodão

Eduardo sem Mônica

Um menino!
Uma criança!
Um futuro
Cadê a esperança?
Antes de mim os meus já lutavam
Antes dos meus filhos eu já lutava
Aos poucos a guerra vai se revelando
Descortinando a inocência
Cegando os olhos da esperança
Meus filhos pequenos, eu lutava!
Às vezes, parece em vão
O mundo não parece melhor
Para Pedro, Yakini e Helena
É atormentador ter consciência
O policial acertou o alvo
Triste semana
Para não variar
Mais uma Paixão
Desta vez
Eduardo!

Mães de Maio

Mães da alegria de ver o seu meni
[no nascer
Da atenção e cuidado para o peque
[no crescer
Dessa dor e aflição por seu rebento
[emudecer
Pela fúria de um sistema em cólera
Não perguntou quem foi, quem era
Julgou e condenou sem razão
Atropelou a emoção
Tirou do rosto o sorriso
Impôs lágrimas e gritos
Por ver o filho morrer
Sem tempo de florescer



Infanticídio

Chacinaram um menino
11 anos
A polícia
Redução da idade
Genocídio da população negra
Gradativamente
Projeto de extermínio
Reduzindo a faixa etária alvo
De jovens para infantes

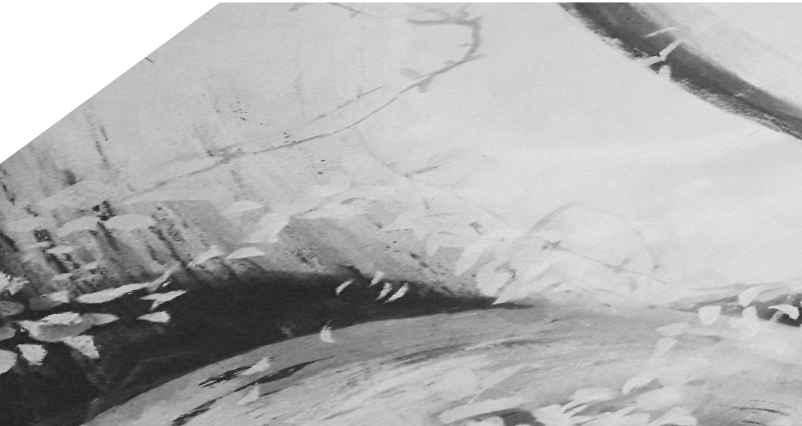
Vulneráveis

O fogo queima sonhos
Ilumina mazelas
Precariedades da escola pública
Vulneráveis
A fumaça asfixia
Ficamos sem ar
Sem voz
Com medo
Presos
Vítimas das regras neoliberais
Nem o sorriso doce de Mandela
Grafitado na fachada
Acalenta um coração
Aprisionado
Incendiado
Sonhando voar

1º de Maio

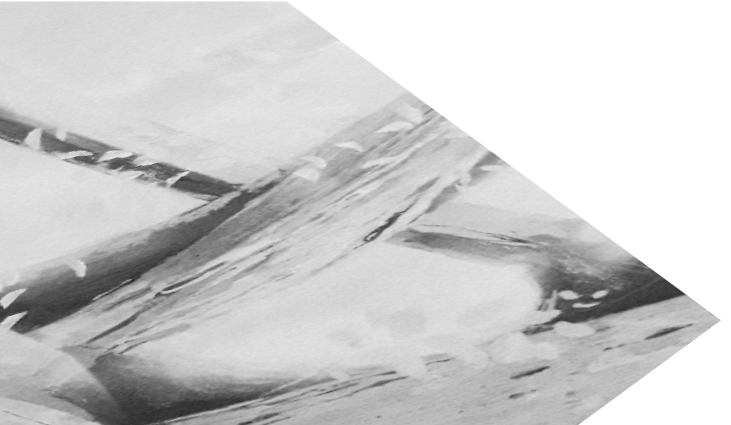
Trabalha Dora
Eh, Dora
Só trabalha
Dora
Trabalhadora

DOR



Bodeação

Eu tô de bode
Feito cabra
Bato cabeça
Quero mudar a montanha de lugar
Eu cuca mole
A montanha intacta em seu lugar
Nesse quebra-quebra
Me acerto
Me aceito
Abro os olhos para o que é imóvel
Enquanto móvel é o mundo que gira
Dentro de mim



Balanço

Muita treta
Eu e tu
Farpas
Silêncios
Lágrimas
Suor
Amor
Nem camomila
Acalma
Abranda
Esse furacão
Tenso
Denso
Teso
Terno
Caminhamos
Retornamos
Até o fim

Depressão

Desanimada
Quero caminhar
Rodopio
Sempre no mesmo lugar
Meu banzo é sina
Eterna sensação de cachorra que
caiu da mudança
Laçada
Amordaçada
Obrigada a engolir o que não alimenta
Resistência obstruída
Deseja nascer de novo,
Receia ser pior
Tudo perdido
Sem rumo
Nem trilha
Muito menos direção
Sem atalhos
Sequer beleza
Nem chão

FEMINISTA

Relação aberta
Casas separadas
Ela com o filho
Doente
Febre
Infecção
Não se trata
O companheiro não pode ficar com filho
O filho não pode ficar sem a escola
Ela pode perder a vida

Desilusão

Desculpou-se
Não podia atender todo mundo
Sendo todo mundo
Ninguém

Passado

Um tanto tarde
Ou muito cedo
O tempo marca dias passados
Na taça
O esboço dos lábios
De quem bebeu
E algo selou
O dito
Registrado
Como assinatura de iletrado
Revelada na poeira assentada
Ditos
Interditos
Interditados

Racismo

Adoece
Descasca feridas
Sonho pestanejar
Na plenitude de um pôr do sol

ALENTO

ALENTO

FLOR

Não se despedace
Maria nasceu Rosa
Pétalas de seda
Dos espinhos
Valera-se

TULA FERREIRA

Pilar da própria existência
Insubmissa
Ousou ser mulher

Minguante

Não fecundou
Deixar ir
Minguar rancores
Mágoas
Não fecundou
Deixe ir
A lua nova vai chegar
E tudo renovar
Abrir espaço para o novo
Novamente recomeçar
O novo pode ser fecundo
Crescer e te fertilizar
Fértil, serás bela
Brilhante
Como a lua azul
Tantas luas
Tuas fases
Momentos de amor
Dor
Dor de amor
Amor com dor
Dor com amor
Momentos

FINDA TARDE

De tão doce era mortal
Aroma de terra batida
Enfim
Jaz

Sentimentos

Ensinaram-lhe
Sentir nojo de ser mulher
Vergonha de menstruar
Não se sentir digna de amor
Medo de brilhar
Não ter desejos próprios
Demora inverter as setas
Mesmo na marretada
Cristais de auto-ódio
Pedem sensibilidade
Para não quebrar a pessoa
Liberdade não vem de mão beijada
Acostume-se com cara feia
E não é a sua
Festeja cada pedacinho liberto

Abrigo

Receba meu abraço
Chore tudo
Durma
Descanse
Ao acordar
Respire fundo
Espreguice-se
Vá à janela
Contemple o sagrado
Manifesto em tudo que vê e sente
Alimente o corpo
A mente
A alma
Caminhe na respiração
Inspire
Expire
Um passo
Outro passo
Se cair
Recomece
Inspire
Expire
Um passo
Outro passo

Xequerê

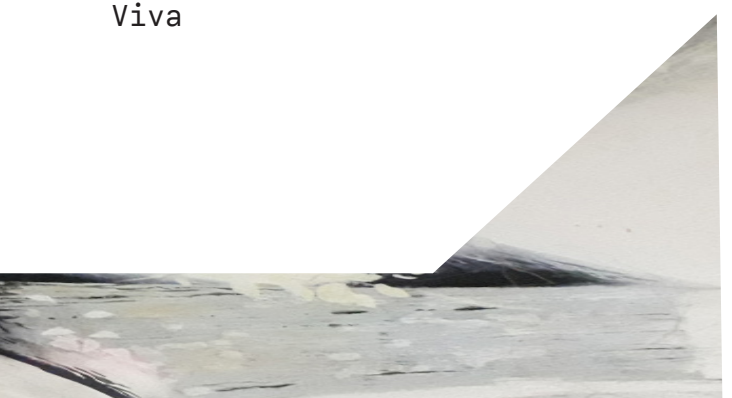
Novo Naipe
Vida nova no mundo Ilu Obá de Min
Novo jeito de caminhar
Do enlace entre as contas e a cabaça
O toque
O som
A dança
Em roda
Sentir o Xequerê
Falar de si
Escuta por ouvidos doces
Estrela de quatro hastes
Uma mensagem
Pequena cabaça adornada
Rito de iniciação
Lágrimas de renascimento!
Axé!

FLERTE

Eu
Literatura do samba
Em sua estante quero estar
Ser sua fonte ancestral
Em cadência ritmada
Para você me consultar
Te levarei samba adentro
Histórias do nosso povo
Em prosa
E versos de amar

Arquitetura

Arte é a própria vida
Viver
Menos é sobrevivência
Subvida
Alimentar o sistema
Que rouba a energia vital
A vida é
Tempo
Vivido
Sentido
No contentamento
De estar em si
Vivo
Viva



NATUREZA

Tudo sabe
Tudo ensina
Da rocha
Sua falsa rigidez
Da areia
Sua força na fluidez

Me Parió

Meu corpo
Minha morada
Habito
Percebo
Sinto o mundo
Sagrado território
Relação
Existência ancestral
Corpo feminino
Afro-indígena
Ameríndia
Me Parió
  Nosso quilombo
    Me Parió Revolução.

ELOS QUE SE QUEREM

Em celebração do 8º aniversário do
Sarau Elo da Corrente

Ah, essa errância diaspórica!
Os meus? Dispersos por aí
Como elos soltos
Querendo ser corrente
É da nossa natureza
Sempre!
Em coletivos
Vivendo comunitariamente
Nos aquilombando
Como no rojão d'África
Dos originários desta terra
Na caminhada mundo afora
Em tempos múltiplos
Eu? Elo perdido
Encontro os que me acolhem
Lutam
Resistem
Amam
Declamam, como eu
Nesses, me identifico

Me reconheço, me refaço
O que dizer a Michel, Ingrid, Raquel, Gustavo e Generosa?
Raízes do meu baobá Malungo
Rede de proteção
Na travessia da Kalunga Grande
O que dizer a esse sarau feiticeiro
Onde a magia é o amor
Agrega Irmãs e irmãos
A rede? Só crescendo
Trançada nessas identidades
Negra, indígena, nordestina
Os fios?
Seu Zé Correia
João Nascimento
Martinho da Bahia
Santista
Douglas
Jandir
Eunice
Diogo
Divino
Juliana
Heitor

Yakini
Ayana
Ah, Pirituba!
Biblioteca Brito Broca!
Bar do Santista!
A casa da mãe do Michel!
A Rua Jurubim!
Tudo ocupado com cultura
Celebrações desse viver
Que se expressa em literatura viva
Desses elos que se querem
Corrente

ÍNTIMA

ÍNTIMA

Enquanto a lua míngua

Madrugada adentro
Cumplicidade lunar
Nos permitimos
Carícias além olhar
Toques tesos
Emitindo sons eros
Ondas sonoras vibrando prazer
Desejo de expandir-se
Essa química de muitos estados
Timbre pulsante no centro da terra
Desalinha a gravitação
Amor suspenso além órbita
Energia altera sensações
Divindades de fortes semblantes
Em movimentos
Forjamos combinações
Em êxtase
O gozo
Em terra
Nos beijamos
Selamos o fim da jornada
O sorriso agradece
O portal se fechou

Aninhados em descanso
A respiração se alinha
Ao movimento cósmico
A vida pulsa como deve ser

Enternecer

Quando a lua adentra o quarto
Deixando a tez Negra blue
Olhos não veem
Enxerga-se pelo tato
Cartografia alto-relevo
Em si nua
Sinuosa
Pele úmida
Excitação
Olho d'água
Corredeiras
Mina todos os líquidos
Fluída
Transborda
Como quem bebeu tudo
E ainda quer mais

Talento

Vou saborear bem devagar
Sem pressa
Sentindo os ingredientes
Mastigar o sólido
Derretendo o doce
Liberar o fel
Meio doce,
Meio amargo
Intensidade

Luz de vela

Um fio de luz de vela
Uma dança
Favorecida pela fragrância de um óleo
Que estimulava
O toque
Aproximava bocas
Que se desejavam
O brilho da luz entre olhares
Enquanto a coreografia
Se desenrolava
Nada igual seria possível
Essa dança seguia o ritmo
Da história vivida
E sentida como num banho de suor
Amor em tardes de verão

Prece

No silêncio
Palavras mudas
brotam poesias
Sussurram desejos
Pelos em pé
Poros abertos
Mina suor
Amor calejado
Rompe represa
Libera prazeres
Vaza sentidos
Exala perfume
Aroma curtido
Madeira nobre
Reservado
Leve
Intenso
Profundo
Flutua
Pés no chão

Red Orange

Tesão
Afeto
Vibro
Lua cheia
Quero banhar-me
Nas fluidas águas do teu ser
Cobrir-nos
Sem a pele do passado
Feito serpente que se despoja
Aceitou nova condição
Da vida quero o viver
Orgasmos quânticos
Aterrados
Em sentidos
Gozo
Amor transmutado
Prazer compartilhado

Vênus

Transar
Cruzar
Copular
Prefiro amar
Gozar carícias
Toques
Transe!
Sensação de morte
Desencarnar
Espírito levita
Feito folhas ao vento
Estado de graça
Divindades dançando
Música para ouvidos doces
Aroma em olfatos sensíveis
Transpira feito cachoeira
Entrega
Fim da lucidez

Banho

Lava a alma
Limpa o coração
Energiza o corpo
Como oração
A gente se esfrega
Revira as entranhas
Gemidos de entrega
Olhares que falam
Corpo que chora
De prazer

ESPERA

Lençóis novos
Cheirosos
Chão banhado em lavanda
Óleo perfumado
Um regalo
Lamparinas incandescentes
Vinho
Taças
Ramos de alecrim
Um altar
Nossa reza
É amar

Ausência

Oito noites passadas
Chuva
Céu sem estrelas
Sem teu semblante azul
Refletindo a lua
Nem o clarão do dia denunciando o amor
Carícias ternas aguardam
Novo encontro
Sob nova lua
Outro sol
Sob versos ditos
Beijos sentidos
Olhares doces
De plena alegria

Toque

Toque-me
Envolva-me
Acolha-me
Deixe-me sentir-te
Lamba-me com tua língua trêmula
Cale-me com teus lábios quentes
Inspire-me ofegante
Percorra-me com tuas mãos faladeiras
Entorpeça-me com teu black perfumado
Enrolado nos fios desta história
Acumulando sentidos e memórias
No toque
Toque
Toque-me...

SAGRADO SAGRADO

SAGRADO

Bom dia

Depois que a chuva passa
As lágrimas secam
O sol escancara
O que a ilusão cegou
Essa estrela que limpa o dia
Aquece a alma
Almeja a vida com fome
De quem colheu algodão
Almoça boia fria
Recusada outrora
Tem gana de sentimentos
Concretos
Compromissos mais certos
Que a ventania não pudesse carregar
A madrugada me acorda
Logo a aurora a rompe o breu
Ouço o canto de Oxóssi
Respiro na força de Oyá
Recomeço

Oxum

Ah, minha mãe
Me acolhe
dá colo
forças
Minha corpa
Cansada
Pede arrego
Lava-me
Limpa-me
Revitaliza-me
Mata a minha sede
Por um gole mais de vida
Prolonga
Meus dias
Por benquerer
Viver

ODOYA

Mãe
Escutastes meus prantos
Tantas vezes verti sal
Teu colo uterino
Aconchegou-me
Aliviando dores
Limpando as más águas
Renasci tantas vezes em ti
Cabeça refeita
Sob teus cuidados
Sou só gratidão

Cantos uivantes (Oya)

Sussuro
Grito
Ouvidos moucos
Remexe entranhas
Dança
Tira tudo do lugar
Brisa mansa
Pede escuta
Sopro divino
Inspiração

Nascer

Uma história...
Do nascimento
Reconstruída
Pelas lembranças narradas
Fragmentos da fala
Da mãe
Pai
Avós
Tias
Tios
Prima
Na noite seguida do natal
A mãe em trabalho de parto
Num lugar tão pequeno
Tão distante
De nome Tombadô,
No pequeno Município de Sento Sé
Distrito de Casa Nova
Às margens do Rio São Francisco
Bahia
Ser que veio ao mundo na primeira
hora do dia
Madrugada escura

Parto difícil para sua menina mãe
Num choro que despertou o breu
Quebrado pela luz de uma lamparina
Numa tapera de pau-a-pique
Foi recebida pela parteira
Que não se demorou
Em passar a recém-nascida aos braços de seu jovem pai
Nas condições naturais, como chegara ao mundo
Banhada em sangue
Ligada à mãe pelo cordão umbilical
Tamanha era a pobreza
A mãe valera-se do enxoval deixado pela irmã
Falecida junto ao seu filho no parto
meses antes desse momento
Sétimo dia de vida
Levada pela mãe
Ritual do primeiro banho no rio
São Francisco
O que dizer
Pensar
Se dá conta de que és

Retirante
Em diáspora contínua
Histórias ocultadas
Intensamente vividas
Devir

Me Parió Revolução

Dez anos de mulheragem

Em setembro de 2023 vamos comemorar uma década de existência das Edições Me Parió Revolução, mas os festejos começam agora com o lançamento de Significância, de Celinha Reis.
Quando nascemos éramos, sem falsa modéstia, três mulheres inteligentes, fortes e talentosas: Lindalva Feitosa, nossa guia artesã, Sandrinha Alberti, nossa artista visual e Dinha, nossa poeta.
Na bagagem tínhamos tardes com Allan da Rosa e Sílvio Diogo, discutindo e criando o primeiro livro da nossa primeira autora, o De passagem mas não a passeio. Tínhamos também madrugadas colando tecidos de chita na lombada do livro – que era semi artesanal – e precisava do nosso toque especial

antes de cada lançamento. Entre as três mulheres, em sua bagagem, havia também uma amizade longa e firme.

Esses ingredientes foram o bastante para que compreendêssemos que seria possível, com nossos talentos artísticos, esforço e coragem, criarmos uma editora independente e feminina, no seio da Posse Poder e Revolução – grupo de ação política e cultural da qual fazíamos parte.

Em setembro de 2013 lançamos Onde escondemos o ouro, de Dinha, e cim ele inauguramos um espaço de acolhimento mútuo, uma força transformadora e um jeito novo de garantir o acesso aos livros e à leitura em nosso país.

Hoje somos 10 mulheres. Cada qual com sua trajetória, dores e alegrias. Todas somos periféricas, a maioria de nós é negra, ou não branca. Todas talentosas, poten-

tes e valentes.
Juntas, publicamos grandes nomes da literatura brasileira, sobretudo mulheres negras. Juntas propiciamos que autoras iniciantes publicassem seus escritos. E juntas comemoramos, em 2021, a aprovação do nosso projeto Entremeada Literária: 10 Anos de Mulheragem, pela 6a edição do Fomento à Cultura da Periferia.
São 10 anos de mulheragem, cuidado mútuo, tropeços e aprendizagem.
Estamos vivas e felizes.
É um prazer comemorar com vocês.

https://www.facebook.com/mepario/
@me.pario
https://nucleopodererevolucao.wordpress.com/edicoes-me-pario-revolucao/
https://www.mepario.com.br/